

# PRÓLOGO



Na época de sua formatura na universidade, John Smith já tinha esquecido completamente do tombo que levara na neve naquele dia de janeiro em 1953. Na realidade já era difícil se lembrar daquilo quando acabou a escola primária. Sua mãe e seu pai nunca ficaram sabendo de nada.

Estavam patinando num trecho limpo da lagoa Runaround, em Durham. Os garotos maiores jogavam hóquei com velhos bastões emendados e usavam duas cestas de batata como gols. Os garotos pequenos apenas matavam o tempo como fazem os garotos desde que o mundo é mundo — os tornozelos se viravam comicamente para um lado e para o outro, a respiração formava nuvens de vapor nos gélidos 6 graus negativos. Num canto do gelo limpo, dois pneus de borracha ardiavam, soltando uma fumaça preta, e alguns pais observavam os filhos de perto. A era do *Snowmobile* estava longe e a diversão de inverno ainda consistia em exercitar o corpo em vez de acelerar um motor a gasolina.

Johnny tinha vindo de casa, bem na divisa Pownal, com os patins pendurados no ombro. Aos 6 anos, era um patinador razoavelmente bom. Ainda não o bastante para entrar nos jogos de hóquei dos garotos maiores, mas capaz de ficar dando voltas ao redor da maioria dos outros alunos de primeira série, que ficavam sempre abrindo os braços para manter o equilíbrio ou se estatelando de bunda no chão.

Agora patinava devagar, contornando os limites do trecho limpo. Desejava saber deslizar para trás como Timmy Benedix, ouvir o gelo martelar e estalar misteriosamente sob a cobertura de neve além da orla. Ouvia

também os gritos dos jogadores de hóquei, o ronco de um caminhão de concreto atravessando a ponte a caminho da U. S. Gypsum, a fábrica de gesso em Lisbon Falls, e o murmúrio da conversa dos adultos. Ele se sentia muito contente por estar vivo naquele gostoso dia frio de inverno. Não havia nada de errado com ele, nada perturbava sua mente, não queria nada... exceto ser capaz de patinar para trás, como Timmy Benedix.

Patinou ultrapassando o fogo, viu dois ou três marmanjos passando de um para outro uma garrafa de bebida.

— Dá um pouco disso! — gritou para Chuck Spier, que estava encapotado com uma japonsa de lenhador e uma calça verde, de flanela grossa.

— Sai daqui, pirralho! — disse Chuck, mostrando os dentes num sorriso amarelo. — Tô ouvindo sua mãe te chamar.

Sorrindo, o Johnny Smith de 6 anos de idade continuou patinando. E, no lado da área de patinação que dava para a estrada, viu o próprio Timmy Benedix descendo a rampa na frente do pai.

— Timmy! — gritou. — Dá uma olhada!

Virando para trás, começou a patinar desajeitadamente de costas. Sem se dar conta, estava avançando para a área do jogo de hóquei.

— Ei, moleque! — alguém gritou. — Sai da frente!

Johnny não ouviu. Estava *conseguinto*! Estava patinando para trás! Tinha pegado o jeito — de uma hora para a outra. Tudo dependia do ritmo no vaivém das pernas...

Olhou para baixo, fascinado, querendo ver o que suas pernas estavam fazendo.

O disco de hóquei dos grandões, velho, lascado e afiado nas beiras, passou zunindo por ele, despercebido. Um dos mais velhos, que não era um patinador dos melhores, se lançou atrás do disco numa espécie de mergulho de cabeça quase cego.

Chuck Spier viu o que ia acontecer. Ele se levantou e gritou:

— *Johnny! Cuidado!*

John ergueu a cabeça... e um instante depois o desengonçado patinador, com todos os seus 73 quilos, bateu a toda velocidade no pequeno John Smith.

Johnny saiu voando, braços estendidos. Uma fração mínima de segundo e sua cabeça fez contato com o gelo. Ele apagou.

*Apagado... gelo escuro... apagado... gelo escuro... apagado. Apagado.*

Disseram que ele apagou. A única coisa da qual ele tinha certeza era um estranho pensamento que não parava de se repetir e a repentina visão de um círculo de faces debruçadas sobre ele — jogadores de hóquei assustados, adultos nervosos, garotos curiosos. Timmy Benedix com um sorriso afetado. E Chuck Spier, que o segurava.

Gelo escuro. Escuro.

— Ei! — Chuck chamou. — Johnny... Você está bem? Levou uma tremenda pancada.

— Escuro — disse Johnny num tom meio rouco. — Gelo escuro. Não pule mais em cima dele, Chuck.

Chuck olhou em volta, um tanto apavorado, depois retornou a Johnny. Pôs a mão no grande galo que estava se formando na testa do garoto.

— Desculpe — disse o estabonado jogador de hóquei. — Eu nem cheguei a ver o garoto. Os moleques devem ficar longe do hóquei. São as regras. — Olhou ao redor para ver se estava recebendo apoio.

— Johnny? — disse Chuck. Não estava gostando daquele ar nos olhos de Johnny. Pareciam escuros e distantes, inexpressivos e frios. — Você está bem?

— Não pule mais em cima dele — disse Johnny, sem saber o que estava dizendo, pensando só no gelo... no gelo escuro. — A explosão. O ácido.

— Não acha que devemos levá-lo ao médico? — Chuck perguntou a Bill Gendron. — Não está dizendo coisa com coisa.

— Dê um minuto a ele — Bill aconselhou.

Deram um minuto e a cabeça de Johnny realmente clareou.

— Estou bem — ele murmurou. — Me levanta. — Timmy Benedix continuou com aquele sorriso afetado. Miserável. Johnny decidiu mostrar a Timmy com quantos paus se faz uma canoa. No final da semana já estaria patinando em círculo ao redor de Timmy... para trás e para a frente.

— Vem com a gente se sentar um pouco perto do fogo — disse Chuck. — Levou uma tremenda pancada.

Johnny deixou que o ajudassem a se aproximar do fogo. O cheiro de borracha derretendo era forte, ácido, fazendo Johnny sentir um pou-

co de enjôo no estômago. Estava com dor de cabeça. Tocou o galo sobre a vista esquerda com curiosidade. Teve a impressão de que havia crescido um quilômetro.

— Consegue se lembrar de quem é etc.? — Bill perguntou.

— Claro. Claro que consigo. Estou bem.

— Como é o nome do seu pai e da sua mãe?

— Herb e Vera. Herb e Vera Smith.

Bill e Chuck entreolharam-se e deram de ombros.

— Acho que está tudo bem com ele — disse Chuck, e então, pela terceira vez —, mas sem dúvida levou uma tremenda pancada, não foi? Uau!

— Cara — disse Bill, procurando afetuosamente com os olhos suas irmãs gêmeas de 8 anos, que patinavam de mãos dadas, e logo voltando a Johnny —, a coisa provavelmente teria matado um adulto.

— Não um polaco — Chuck respondeu, e os dois deram uma gargalhada. A garrafa de Bushmill's começou a rodar de novo.

Dez minutos depois, Johnny estava de volta ao gelo, a dor de cabeça já quase passando, a contusão com o galo despontando na testa como estranha marca distintiva. Quando foi para casa almoçar, já tinha esquecido completamente da queda e do momento em que ficou apagado. Estava dominado pela alegria de ter aprendido a patinar para trás.

— Pelo amor de Deus! — disse Vera Smith quando olhou para ele. — Como você fez isso na testa?

— Caí! — disse Johnny, começando a tomar ruidosamente a sopa de tomate Campbell.

— Você está bem mesmo, John? — ela perguntou, encostando suavemente a mão nele.

— Claro, mãe. — Estava muito bem... exceto pelos pesadelos que teve ocasionalmente durante o mês seguinte... os pesadelos e a tendência a ficar sonolento em alguns momentos do dia em que não costumava ter sono antes. Aliás, uma sonolência que parou de acontecer mais ou menos na mesma época em que os pesadelos pararam.

Ele estava bem.

Certa manhã, em meados de fevereiro, Chuck Spier descobriu ao acordar que a bateria de seu velho De Soto 48 estava descarregada. Tentou carregá-la usando a bateria do caminhão da fazenda. Quando pren-

deu o segundo pólo na bateria do De Soto, ela explodiu em seu rosto, fazendo chover fragmentos e um ácido corrosivo. Perdeu um olho. Vera disse que, se não fosse pela misericórdia de Deus, ele teria perdido os dois. Johnny achou que aquilo era uma terrível tragédia e foi com o pai visitar Chuck no Hospital Geral de Lewiston, uma semana depois do acidente. A imagem do Grande Chuck deitado naquela cama de hospital, todo debilitado e mirrado, foi extremamente chocante — e de noite Johnny sonhou que era *ele* quem estava deitado lá.

De vez em quando, nos anos que se seguiram, Johnny tinha pressentimentos — sabia qual ia ser a próxima música no rádio antes que o DJ a tocasse, esse tipo de coisa —, mas nunca relacionou isso com seu acidente no gelo. Já tinha se esquecido dele.

E os pressentimentos nunca lhe causavam sobressaltos, nem eram muito freqüentes. Foi só na noite da feira regional e da máscara que algo de muito assustador aconteceu. Antes do segundo acidente.

Mais tarde, pensaria freqüentemente nisso.

A coisa com a Roda da Fortuna acontecera *antes* do segundo acidente.

Como uma advertência vinda de sua infância.

## 2

O caixeiro-viajante cruzava Nebraska e Iowa sem descanso sob o sol escaldante daquele verão de 1955. Viajava sentado atrás do volante de um sedã Mercury 53 que já estava com mais de 110 mil quilômetros rodados. Já havia um nítido zumbido nos pistões do Merc. O sujeito era um homem corpulento que ainda tinha aquela cara de caipira do Meio-Oeste; naquele verão de 1955, quatro meses depois de seu negócio com pintura de casas ter falido em Omaha, Greg Stillson tinha apenas 22 anos de idade.

A mala e o banco de trás do Mercury estavam cheios de caixas, e as caixas estavam cheias de livros. A maioria deles eram Bíblias. Vinham em todos os formatos e tamanhos. Lá estava seu item básico, a Bíblia da American Truthway, com 16 ilustrações em cores, encadernada com cola de avião, por 1,69 dólar e com a garantia de não soltar as folhas por pelo menos dez meses; depois, editado mais pobremente em livro

de bolso, havia o Novo Testamento da American Truthway, por 65 centavos, sem ilustrações em cores mas com as palavras de Nosso Senhor Jesus impressas em vermelho; e, finalmente, para o comprador de peso, havia A Palavra de Deus Deluxe da American Truthway, por 19,95 dólares, encadernada numa imitação de couro branco, podendo o nome do proprietário ser gravado em caracteres dourados na capa, 24 ilustrações coloridas e uma seção para anotar nascimentos, casamentos e enterros. E A Palavra de Deus Deluxe podia ficar até mesmo dois anos inteira. Havia também uma coleção de livretos intitulados *American Truthway: a Conspiração Comunista-Judaica Contra Nossos Estados Unidos*.

Greg se saía melhor com esta coleção, impressa em papel barato, que com todas as Bíblias juntas. O livro contava tudo sobre como os Rothschild, os Roosevelt e os Greenblatt estavam se apoderando da economia e do governo americano. Havia gráficos mostrando como os judeus se relacionavam diretamente com o eixo comunista marxista-leninista-trotskista e daí com o próprio Anticristo.

Os dias do macarthismo tinham terminado havia pouco tempo em Washington, mas no Meio-Oeste a estrela de Joe McCarthy ainda não se apagara, e Margaret Chase Smith, do Maine, ainda era conhecida como “aquela puta” por sua famosa Declaração de Consciência. Além da coisa sobre o comunismo, a freguesia de fazendeiros de Greg Stillson parecia ter um mórbido interesse pela idéia de que os judeus estavam governando o mundo.

Agora Greg dobrava na estradinha empoeirada da casa-sede de uma fazenda, cerca de 30 quilômetros a oeste de Ames, em Iowa. A casa tinha um ar deserto, de coisa trancada (postigos fechados, as portas do curral trancadas), mas nunca se podia ter certeza antes de se investigar. Esse princípio fora muito útil a Greg Stillson nos dois ou quase dois anos que tinham se passado desde que se mudara com a mãe de Oklahoma para Omaha. O negócio de pintura de casas não havia dado certo, e Greg sentiu a necessidade de tirar as palavras de Jesus de sua boca por algum tempo, se me perdoam a pequena blasfêmia. Mas agora ele havia voltado para casa — já não tinha a cabeça no púlpito, já não estava cheio de fervor religioso e não deixara de ser um alívio ver-se finalmente livre do negócio dos milagres.

Abriu a porta do carro e, quando pisou na poeira da estradinha de terra, o grande e bravo cão da fazenda avançou do celeiro, orelhas para trás. Foi uma saraivada de latidos.

— Olá, cachorrinho — disse Greg com sua voz simpática, baixa, mas aliciante. Apesar de só ter 22 anos, era a voz de um orador experiente.

O cachorrinho não reagiu ao tom amistoso daquela voz. Continuou se aproximando, grande e bravo, como se tivesse em mente um almoço antes da hora com um caixeiro-viajante. Greg voltou a entrar no carro, fechou a porta e buzinou duas vezes. O suor lhe escorria pelo rosto, deixando o paletó de linho branco com o cinza-escuro de nódoas circulares debaixo dos braços e em forma de árvore, estendendo os galhos, nas costas. Tornou a buzinar, mas não houve resposta. Os caipirões tinham subido no trator da International Harvester ou no Studebaker e ido até a cidade.

Greg sorriu.

Em vez de dar uma ré e sair da estradinha, estendeu a mão para trás e pegou uma bomba de inseticida — só que aquela estava cheia de amônia e não de Flit.

Puxando a bomba para trás, Greg saiu novamente do carro, sorrindo descontraído. O cachorro, que sentou e ficou parado, se levantou de imediato e começou a avançar, rosnando.

Greg continuou sorrindo.

— Sem problema, cachorrinho — disse ele naquele tom simpático, aliciante. — Venha cá. Venha pegar. — Detestava aqueles cães de guarda feiosos que governavam a pequena área em frente às suas casas como pequenos césaes arrogantes; eles também diziam alguma coisa sobre o temperamento dos donos.

— Bando de caipiras do caralho — disse Greg a meia-voz. Ainda sorria. — Venha, cãozinho.

O cachorro foi. Retesou as coxas para dar um salto. No celeiro, uma vaca mugiu e o vento sussurrou brandamente pelo milharal. Quando o cachorro saltou, o sorriso de Greg se transformou numa dura e amarga careta. Ele apertou a bomba de inseticida e borrifou uma nuvem ácida de gotinhas de amônia bem nos olhos e no nariz do animal.

O latido raivoso se converteu de imediato em ganidos breves, agoniados, e depois, quando o contato da amônia realmente se fez sentir,

em uivos de dor. Logo o animal deu meia-volta, não mais um cão de guarda, só um vira-lata domado.

A face de Greg Stillson ficou sombria. Os olhos tinham se reduzido a desagradáveis fendas. Com um rápido passo adiante, ele deu um chute certo no traseiro do cachorro com um de seus sapatos Stride-King, de bico pontudo. O cachorro deixou escapar um gemido alto e, impelido pela dor e pelo medo, selou seu destino ao se virar para enfrentar o autor do tormento em vez de correr para o celeiro.

Com um rosnado, atacou cegamente, abocanhou a bainha da perna direita da calça de linho branco de Greg e a rasgou.

— Seu filho-da-puta! — Greg gritou assustado e com raiva, tornando a chutar o cachorro, desta vez com força suficiente para fazê-lo rolar na terra. Avançou mais uma vez contra o animal, deu outro pontapé, sempre gritando. Agora o cachorro, com os olhos lacrimejando, o nariz em ardente agonia, uma costela quebrada e outra quase rasgando a pele, já percebia o perigo vindo daquele louco, mas era tarde.

Greg Stillson perseguiu-o pelo terreno poeirento, arfando e gritando, o suor escorrendo pela cara. Chutou o cachorro até deixar o animal aos berros, mal conseguindo se arrastar pela terra. O cachorro ficou sangrando em meia dúzia de lugares. Estava morrendo.

— Não devia ter me mordido — Greg agora sussurrava. — Está ouvindo? Está me ouvindo? Não devia ter me mordido, seu cachorro de merda. Ninguém fica no meu caminho. Está ouvindo? Ninguém. — Deu outro chute com o bico do sapato manchado de sangue, mas a única coisa que o cachorro pôde fazer foi deixar escapar um som sufocantemente baixo. Greg não via muita satisfação naquilo. Sua cabeça doía. Era o sol. A perseguição ao cachorro debaixo do sol quente. Foi sorte não ter desmaiado.

Fechou os olhos por um momento, respirando depressa, o suor rolando como lágrimas pelo rosto e se acumulando como cristais no cabelo cortado à escovinha, enquanto o cachorro agonizante morria a seus pés. Grãos coloridos de luz, pulsando no ritmo da batida do coração, flutuavam na escuridão atrás de suas pálpebras.

A cabeça doía.

Às vezes achava que estava ficando louco. Como naquele momento. Pretendia dar um borrifo de amônia no cachorro, fazê-lo voltar ao

celeiro para que pudesse deixar seu cartão na fenda da porta da cozinha. Voltaria outro dia e faria uma venda. Agora vejam. Vejam o caos! Já não era uma boa idéia deixar o cartão, certo?

Abriu os olhos. O cachorro jazia a seus pés, arfando muito, sangue pingando do focinho. Quando Greg Stillson olhou para baixo, o animal lambia humildemente seu sapato, como que para admitir que fora derrotado por ele; mas logo voltou à sua ocupação de morrer.

— Não devia ter rasgado minha calça — disse Greg. — Uma calça me custa 5 paus, seu cão de merda!

Tinha de sair de lá. Não seria nada bom se Clem Caipirão da Silva, a mulher e os seis filhos voltassem de repente da cidade em sua carroça e vissem o Totó morrendo ali no chão, com aquele mau vendedor parado na frente dele. Perderia o emprego. A American Truthway não contratava vendedores que matavam cachorros de donos cristãos.

Abafando umas risadinhas nervosas, Greg voltou ao Mercury, entrou e deu uma rápida marcha a ré. Virou à direita na estrada de terra que seguia reta como um fio pelo milharal e logo alcançou 100 quilômetros por hora, deixando para trás uma nuvem de poeira com 3 quilômetros de extensão.

Com toda a certeza, não queria perder o emprego. Ainda não. Estava ganhando um bom dinheiro — além das atividades que a American Truthway conhecia, Greg tinha uma agenda própria, de que a empresa não fazia idéia. Ele a estava cumprindo naquele momento. Além disso, viajando de um lado para o outro, passara a conhecer muita gente... muitas garotas. Era uma boa vida, só que...

Só que não estava contente.

Continuou dirigindo, a cabeça latejava. Não, simplesmente não estava contente. Sentia que estava destinado a coisas maiores do que dirigir pelo Meio-Oeste vendendo Bíblias e adulterando os recibos de venda de modo a somar um adicional de 2 dólares por dia às comissões. Sentia que estava destinado à... à...

*À grandeza.*

Sim, era isso, era certamente isso. Algumas semanas antes levara uma moça para o celeiro. Os pais dela estavam em Davenport, vendendo um carregamento de galinhas. Ela começou a perguntar se Greg não queria um copo de limonada e uma coisa simplesmente levou à outra.

Depois de ser possuída, a moça disse que teve impressão de ter sido seduzida por um pastor. Então Greg a esbofeteou, ele mesmo não sabia o porquê. Deu-lhe um tapa e foi embora.

Bem, não.

Na realidade a esbofeteou três ou quatro vezes. Até ela começar a chorar, depois a gritar pedindo socorro. Então ele parou e de alguma forma (teve que usar cada grama do charme que Deus lhe deu) conseguiu consertar as coisas com a moça. Também nessa ocasião sua cabeça começou a doer, os grãos pulsantes e brilhantes disparando, dando cambalhotas no seu campo de visão. Ele tentou dizer a si mesmo que era o calor, o calor explosivo no celeiro, mas não foi apenas o calor que fez a sua cabeça doer. Foi a mesma coisa que sentiu no pátio da fazenda quando o cachorro rasgou sua calça, uma coisa obscura e insana.

— Não estou louco — ele disse em voz alta no carro. Abriu rapidamente a janela, deixando entrar o calor do verão, o cheiro de poeira, de milho e estrume. Ligou o rádio em volume alto e achou uma canção de Patti Page. A dor de cabeça diminuiu um pouco.

Era tudo questão de se controlar e... e procurar manter a ficha limpa. Se o sujeito agisse assim, ninguém poderia ferrá-lo. E ele estava se aperfeiçoando nas duas coisas. Não tinha mais aqueles sonhos com o pai com tanta frequência, os sonhos em que o pai o olhava de cima, com o capacete de operário puxado para trás, e gritava: *“Você não é bom, tampinha! Não tem porra nenhuma de bom!”*

Já não tinha tanto esses sonhos, simplesmente porque eles já não correspondiam à realidade. Não era mais um tampinha. Tudo bem, vivia doente quando era garoto, muito pequeno, mas crescera e agora cuidava de sua mãe...

E o pai tinha morrido. O pai não podia ver. Não podia fazer o pai engolir o que tinha dito porque ele havia sido vítima da explosão de uma torre de perfuração de petróleo e morreu. Mas por uma vez, só uma, Greg gostaria de desenterrá-lo e gritar em sua cara apodrecida: *Você estava errado, papai, você estava errado a meu respeito!*, e depois lhe dar um bom chute do modo como...

Do modo como chutou o cachorro.

A dor de cabeça estava de volta, diminuía.

— Não estou louco — ele tornou a repetir sob o som da música. Sua mãe sempre lhe dizia que ele nascera para alguma coisa grande, alguma coisa notável, e Greg acreditou. Só era preciso controlar as coisas — como esbofetear a garota ou chutar o cachorro — e manter a ficha limpa.

Seja lá qual fosse sua grandeza, ele saberia quando chegasse a hora. Ele tinha bastante certeza disso.

Pensou de novo no cachorro e, desta vez, o pensamento trouxe o leve contorno de um sorriso, sem humor nem compaixão.

Sua grandeza se aproximava. Talvez ainda tivesse anos à frente — ele era jovem, sem dúvida, não há nada errado em ser jovem desde que se saiba que não se pode ter tudo de uma hora para outra. Desde que se acredite que a coisa finalmente virá. Ele acreditava nisso.

E que Deus e o Menino Jesus ajudem qualquer um que entre no caminho dele.

Greg Stillson expôs um cotovelo bronzeado de sol pela janela e começou a assobiar com a música do rádio. Pisou no acelerador, levou aquele velho Mercury a 110 por hora e seguiu, em Iowa, a estradinha reta de terra para o futuro, fosse lá qual fosse, que pudesse haver à frente.